

Filol. Linguíst. Port., São Paulo , v. 17, n. 2, p. 385-420, jul./dez. 2015
<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v17i2p385-420>

O vocabulário da ditadura militar nos panfletos de Eulálio Motta

The vocabulary of the military dictatorship in Eulálio Motta's pamphlets

Patrício Nunes Barreiros (UEFS)*

Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, Brasil

Liliane Lemos Santana Barreiros**

Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, Brasil

Resumo: Trata-se de um estudo do vocabulário da ditadura militar em nove panfletos escritos por Eulálio Motta, no período de 1960 a 1970. Este *corpus* é um recorte de uma pesquisa maior que permitiu inventariar um diversificado vocabulário que o escritor fez uso para difundir suas ideias na região de Mundo Novo, Bahia. Eulálio Motta foi responsável pela produção, circulação e recepção de seus panfletos, textos lidos em praças públicas, nas vilas e fazendas, alcançando centenas de pessoas. Por meio de sua ação panfletária e da utilização de um vocabulário que situa ideologicamente um discurso em favor do regime, Eulálio Motta difundiu uma imagem da ditadura militar na região de Mundo Novo. O estudo lexicológico que ora apresentamos concentra-se no vocabulário da ditadura e está subsidiado na teoria de estruturação dos campos lexicais, fundamentada em Stephen Ullmann (1973 [1964]), Pierre Guiraud (1989 [1969]), Horst Geckeler (1976), Mario Vilela (1979; 1995) e, principalmente, Eugenio Coseriu (1964a; 1964b; 1967; 1973; 1976). Tal abordagem permitiu observar como Eulálio Motta incorporou novas lexias e excluiu ou ressemantizou outras

* Doutor pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Feira de Santana-BA, Brasil. Professor adjunto do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana. Docente do PPGEL/UEFS, Feira de Santana-BA, Brasil. patricio@uefs.com

** Doutoranda pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Feira de Santana-BA, Brasil. Professora assistente do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, Brasil. lilianebarreiros@uefs.com

em seus usos linguísticos, motivado por interesses diversos. Além disso, possibilitou o conhecimento de costumes e valores socioculturais do povo sertanejo, expresso em seus usos linguísticos.

Palavras-chave: Eulálio Motta. Ditadura militar. Vocabulário.

Abstract: This is a study of the vocabulary of the military dictatorship in nine pamphlets written by Eulálio Motta from 1960 to 1970. The *corpus* is a fragment of a larger research that allowed building an inventory of a diversified vocabulary that the writer has used to spread his ideas in the region of Mundo Novo-BA. Eulálio Motta was responsible for the production, circulation and reception of his pamphlets. These texts were read in public places, in villages and farms, reaching hundreds of people. Through its propagandistic action and the use of a vocabulary that ideologically shows a discourse in favor of the regime, Eulálio Motta spread a certain image of the military dictatorship in the Mundo Novo region. The lexical study presented here focuses on the vocabulary of Dictatorship and is subsidized by the structuring theory of lexical fields, based on Stephen Ullmann (1973 [1964]), Pierre Guiraud (1989 [1969]), Horst Geckeler (1976) Mario Vilela (1979; 1995) and especially Eugenio Coseriu (1964a; 1964b; 1967; 1973; 1976). This approach allowed us to observe how Eulálio Motta incorporated new words, excluded and gave new meaning to others in their linguistic uses, motivated by diverse interests. Furthermore, it allowed the knowledge of customs and socio-cultural values of backcountry men, expressed in their linguistic use.

Keywords: Eulálio Motta. Military Dictatorship. Vocabulary.

1 INTRODUÇÃO

Eulálio de Miranda Motta nasceu em Mundo Novo-BA, em 1907, e faleceu em 1988. Em sua juventude, foi ateu e simpatizante do comunismo russo. Depois, converteu-se ao integralismo de Plínio Salgado e à Ação Católica; conseqüentemente, empreendeu sistemática campanha contra o comunismo e identificou-se com o regime militar, deflagrado no Brasil em 1964. Motta expressou seu pensamento político-ideológico por meio dos panfletos avulsos que publicou, em Mundo Novo, entre 1930 e 1988 (Barreiros, 2013).

O panfleto é a voz do panfletário ampliada numa mídia que se insurge para cumprir uma função pontual num determinado momento e lugar, com finalidades

pedagógico-doutrinárias. O objetivo é penetrar na consciência do auditório e moldar seu pensamento, por isso a linguagem do panfleto é persuasiva, combativa e, muitas vezes, carregada de vitupérios. As palavras nele impressas vinculam-se diretamente à personalidade do panfletário – é como se ele mesmo as proferissem em voz alta.

Eulálio Motta foi um panfletário típico. Em Mundo Novo, exerceu importante papel intelectual e político, sendo reconhecido pela população como porta-voz da comunidade. Em assuntos polêmicos, era solicitado a se posicionar, dando seu parecer por meio de panfletos. Esse tipo de personalidade certamente tem grande influência na formação dos hábitos e usos linguísticos de uma comunidade; muitas vezes suas palavras têm força de lei. No caso de Motta, seu discurso era salpicado de citações oriundas de suas leituras. Em algumas ocasiões, ele foi responsável por apresentar ao público mundonovense livros, teorias e pensamentos, inovando e ampliando o vocabulário de seus leitores.

Publicou centenas de panfletos, mas somente 57 foram preservados em seu acervo e nove deles tratam especificamente da ditadura militar de 1964. Estudar o léxico desses textos permite compreender como a ideologia do regime foi difundida e se manteve na região de Mundo Novo, já que o autor defendia os princípios imputados pelos generais. Esses textos tiveram grande repercussão e alcançaram o público alfabetizado e não alfabetizado, uma vez que era comum sua leitura em voz alta nas feiras livres, na fila dos bancos e em rodas de conversa.

O léxico utilizado por um determinado sujeito evidencia diversos aspectos de sua identidade. Para Telles (2012), as formas lexicais que dão suporte ao texto correspondem ao uso linguístico do *scriptor* e de seu tempo. De acordo com Villalva e Silvestre (2014, p. 23):

O acesso ao que possa constituir o conhecimento do léxico de cada falante não é, no entanto, facilmente obtido, dado que não pode ser estudado como um corpo físico observável: esse acesso é diferido e baseia-se na observação da produção ou reconhecimento de enunciados linguísticos, por um lado, e em amostragens que servem procedimentos experimentais, por outro. (Villalva e Silvestre, 2014, p. 23)

No caso de Eulálio Motta, a documentação preservada em seu acervo permite observar como o escritor foi incorporando, ao longo do tempo, novas lexias, adaptando ou ressemantizando outras em seus usos linguísticos, motivado por interesses diversos.

Nesse sentido, foi feito um estudo do vocabulário da ditadura militar, tomando como *corpus* nove panfletos que tratam dessa temática, com o intuito de perceber os sentidos atribuídos por Motta a essas lexias. Trata-se de um estudo lexicológico, relacionado a uma temática que tem despertado interesse da população brasileira, a ditadura de 1964. Entender esse momento histórico de dimensões sociais e políticas implica investigar como os princípios desse regime foi difundido e se manteve a partir dos usos linguísticos, nesse caso, do vocabulário utilizado por um escritor que defendia os ideais do regime.

Após o levantamento, identificou-se 47 unidades lexicais. Em seguida, foram consultados alguns dicionários de língua portuguesa que estavam disponíveis na época da escrita do texto e que constam na biblioteca do escritor: Silva (1922), Figueiredo (1926) e Nascentes (1932), para estabelecer a definição de acordo com seu significado no texto, viabilizando a análise dos aspectos da variedade linguística presente. As lexias encontradas foram organizadas em ordem hierárquica em seus respectivos campos lexicais, acompanhadas da ortografia moderna entre colchetes, da categoria gramatical, do conceito e de exemplos remetidos ao *corpus*. A análise está subsidiada na teoria de estruturação dos campos lexicais, fundamentada em Stephen Ullmann (1973), Pierre Guiraud (1989), Horst Geckeler (1976), Mario Vilela (1979; 1995) e, principalmente, Eugenio Coseriu (1964a; 1964b; 1967; 1973; 1976).

2 A GÊNESE DO PENSAMENTO DE EULÁLIO MOTTA EM FAVOR DA DITADURA

Os sentidos atribuídos por Eulálio Motta às lexias selecionadas para o estudo que ora se apresenta estão intrinsecamente relacionados com suas convicções políticas e ideológicas. Por conta disso, faz-se necessário compreender como o escritor mundonovense aderiu ao pensamento conservador de direita em favor da ditadura militar de 1964.

Em 1925, Motta deixou a pacata vila Alto Bonito, no município de Mundo Novo-BA, e mudou-se para Salvador, ingressando no Ginásio Ipiranga com o propósito de continuar seus estudos e fazer os preparatórios para a universidade. A agitada vida cultural da capital, os professores, os colegas, o cinema e, sobretudo, os livros, descortinaram novos horizontes para o jovem escritor, como ele mesmo declara:

Quando comecei ver o mundo e sentir a fome dos “porquês”, o primeiro alimento que recebi foi o mais infame que se possa imaginar. A mais baixa expressão do mais torpe materialismo: “Palavras cínicas”, “Velhice do Padre Eterno” e outras desgraças. Depois Haeckel, Renan, Le Dantec, pedaços traduzidos de Voltaire e de Anatole... E pronto: tornei-me materialista fanático. E me enchia de bÍlis contra a Igreja. E me inchava de orgulho, sentindo-me importante, “senhor do Universo”. (Motta, 1942, p. 2-3)

Essas leituras alteraram suas concepções de mundo: “Quando me interessava pelo Socialismo, li o ‘Destino do Socialismo’ de Otávio de Faria e achei seus argumentos irrefutáveis em defesa do Socialismo” (Motta, 1949, f. 6v). Em 1926, publicou um texto no jornal *Mundo Novo* declarando-se comunista e ateu. Por esse motivo, Antônio Manuel da Motta, convencido de que a capital estava corrompendo o caráter do filho, exigiu que ele abandonasse os estudos e voltasse para o interior. Logo depois, Motta retornou a Salvador e não deixou de confessar sua simpatia pelos ideais do comunismo, mas não voltou a se declarar ateu. Em 1929, fez os preparativos para ingressar na Faculdade de Medicina da Bahia, conseguindo matricular-se no curso de Farmácia. Lá, envolveu-se com grupos que discutiam política, religião e literatura. Foi nessa ocasião que aprofundou seus estudos acerca do marxismo e das teorias políticas.

Em 7 de outubro de 1932, após o lançamento do *Manifesto de Outubro*, em São Paulo, Plínio Salgado fundou a Ação Integralista Brasileira (AIB), que chegou à Bahia em junho de 1933: “A expansão do integralismo na Bahia ganhou força com as visitas ao estado do líder Plínio Salgado e Gustavo Barroso, respectivamente nos meses de agosto e novembro de 1933 (Ferreira, 2006, p. 55-56)”. Após ouvir os discursos de Salgado em Salvador, Eulálio Motta filiou-se à AIB. A partir de então, dedicou sistemático estudo aos fundamentos da doutrina integralista.

Na Bahia, a Ação Integralista Brasileira teve forte adesão no meio estudantil, tanto universitário quanto secundarista, fundando núcleos na Faculdade de Direito, na Faculdade de Medicina e em importantes escolas como o Carneiro Ribeiro, Salesiano, Ginásio da Bahia e no Ginásio Ipiranga. Segundo Ferreira (2006, p. 24), o Ginásio Ipiranga foi um reduto da juventude integralista. Eulálio Motta participou do núcleo da Faculdade de Medicina, mas mantinha ligações com o do Ginásio Ipiranga, onde tinha laços de amizade com o diretor-proprietário Isaiás Alves.

No final de 1933, formado e membro das fileiras integralistas, Motta retornou a Mundo Novo e fundou um núcleo municipal, mas teve que ser cauteloso para não entrar em choque com a política local. Desse modo, o grupo não teve grandes projeções, embora nas eleições de 1936, tenha conseguido eleger um vereador local.

Na campanha para as eleições de janeiro de 1936, as falanges integralistas se opuseram ao Partido Social Democrático (PSD) e às velhas oligarquias que controlavam os currais eleitorais. Vereadores integralistas foram eleitos na Bahia, na capital, em Jequié, Poções, Ipiaú, Mundo Novo, Itabuna, Maragogipe etc. (Sampaio, 1985, p. 117). Nessa época, Eulálio Motta conciliava sua atividade de militante com o ofício de farmacêutico e de escritor.

Em 1935 e 1936, participou das bandeiras integralistas, visitando várias cidades do sul da Bahia. Nesta ocasião, começou a escrever os primeiros textos sobre os fundamentos da doutrina, focando seus interesses nas relações entre religião e política. A AIB identificava-se com o tenentismo, o nacionalismo, o pensamento tradicionalista católico e a ideologia fascista em ascensão na Europa. Esses fatores conferiram ao movimento uma fisionomia profundamente conservadora, caracterizada pelo autoritarismo, catolicismo, ultranacionalismo, antiliberalismo e anticomunismo.

Pautava-se em três pilares básicos: Deus, Pátria e Família. Os membros precisavam moldar sua conduta pelos valores religiosos, patrióticos e familiares. O chefe nacional e idealizador, Plínio Salgado, identificava-se com os setores mais conservadores da Igreja Católica e se autoproclamava católico convicto. Embora nem todos os militantes fossem católicos, a espiritualidade era uma condição básica para se filiar ao partido. Inclusive, uma das armas de combate empreendida pela AIB contra os comunistas era o argumento de que estes alinhavam-se ao materialismo e ao ateísmo.

Sendo Eulálio Motta declaradamente integralista desde 1933, ele não poderia admitir-se ateu, muito menos materialista, pois do contrário não seria aceito como membro do partido. Assim, empreendeu uma busca deliberada por uma religião que lhe agradasse, convertendo-se ao catolicismo em 1940.

Identificou-se com as ideias da Ação Católica, movimento liderado por Alceu Amoroso Lima com forte influência do filósofo francês de orientação católica, Jacques Maritain. O escritor mundonovense elaborou um pensamento em torno da política e da religião, escrevendo largamente sobre os conceitos de democracia

cristã, liberdade, liberalismo, totalitarismo e socialismo. A participação de Motta no movimento político da Ação Integralista foi decisiva para sua formação intelectual.

Com o fim do Estado Novo e a redemocratização do país em 1945, Eulálio Motta voltou ao cenário político mais maduro, articulando um pensamento que se coadunava com os ideais do integralismo reformulado e que se materializava no Partido da Representação Popular (PRP), fundado por Plínio Salgado em 1945. No final desse ano, juntamente com um grupo de “ex-integralistas”, Eulálio Motta fundou um núcleo do PRP em Mundo Novo. Apesar de ter poucos filiados, o partido funcionava e cumpria os diversos protocolos exigidos pela diretoria nacional.

Na sociedade mundonovense, havia pouca adesão a partidos políticos por convicção ideológica – geralmente as pessoas filiam-se por interesses pessoais, por identificação com as personalidades à frente do partido, ou ainda por indicação dos grandes fazendeiros da região. Essa situação incomodou bastante a Eulálio Motta, que defendia uma política baseada em princípios filosóficos e diretrizes doutrinárias. No sentido de “orientar” a população, assumiu um discurso pedagógico, escrevendo panfletos e discursando em favor de uma mudança de mentalidade e do comportamento político das pessoas da cidade.

Em 1946, candidatou-se a deputado estadual pelo PRP para as eleições de 1947. Na ocasião, viajou por diversas cidades do interior da Bahia em campanha eleitoral. Esteve várias vezes em Miguel Calmon, Jacobina, Serrinha e Tucano, onde havia núcleos do PRP.

O PRP incorporou praticamente todas as orientações ideológicas da Ação Integralista Brasileira e do chefe Plínio Salgado, que permanecia servindo de inspiração para o novo partido. Motta elaborou um plano de ação pautado nos ideais do Integralismo e continuava admirando Plínio Salgado, considerando-o como chefe nacional do PRP. A estratégia política do partido era feita a partir de uma articulada rede de propaganda, pautada na publicação de textos instrutivos em jornais e revistas. Em Mundo Novo, os perrepiastas não dispunham de jornais e tipografias locais, mas Eulálio Motta colocou em prática uma estratégia já utilizada por ele na década de 1930, a publicação de panfletos.

Uma das linhas de combate dos filiados era o comunismo, e, como não poderia deixar de ser, Motta proferiu calorosos discursos contra os comunistas, transmitidos pelo sistema de alto-falante. A situação político-partidária na Bahia para as eleições de 1947 era ambígua, porque o candidato Otávio Mangabeira recebia apoio de ambos os grupos, ideologicamente antagônicos.

Em 1949, os perrepeistas ventilaram a possibilidade de Plínio Salgado ser candidato a presidente da República. Havia a esperança de que o “Chefe” finalmente teria o reconhecimento merecido. Diante dessa possibilidade, Eulálio Motta reativou as atividades do partido em Mundo Novo, aproveitando o clima de indefinição dos partidos no âmbito estadual para as eleições de 1950.

Após a confirmação de que Plínio Salgado não iria concorrer para presidente nas eleições de 1950 e de que o PRP apoiaria a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes, Motta sofreu uma grande frustração, recusando-se a apoiar o candidato que tinha o suporte de seu partido. Restava-lhe apenas o silêncio, já que o outro candidato era Getúlio Vargas e, para Eulálio Motta, seria uma grande incoerência apoiá-lo porque no passado ele havia perseguido os integralistas.

Nos anos que precederam ao golpe de 1964, Motta acumulava várias decepções com seus velhos amigos que estavam no poder e lhe viravam as costas, ignorando-o completamente. A lista de seus desafetos cresceu. O desmando dos políticos o incomodava profundamente e para o escritor mundonovense restava somente a Revolução, que, segundo ele, seria capaz de fazer valer a justiça, punindo e expurgando os seus desafetos que ocupavam o poder. O PRP não havia alcançado uma projeção desejável na política nacional. Entretanto, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) crescia a cada eleição. Muitos de seus companheiros integralistas converteram-se às trincheiras comunistas.

Quando os generais ocuparam o poder, deflagrando o regime militar, ressurgiu a esperança em Eulálio Motta. No calor da hora do anúncio do golpe de estado, no dia dois de abril, Motta publicou um panfleto intitulado *Vitória do Brasil*, no qual fez uma avaliação da situação do Brasil e dos riscos que ele acreditava existir, caso se implantasse no país um regime igual ao da Rússia. No referido panfleto, projetou suas expectativas acerca do Golpe Militar:

ainda sob a emoção causada pela formidável vitória da Nação contra a anti-Nação: do Povo do Brasil contra a claqué de pelégos, comunistas e cretinos [...] Pergunto: as cátedras, os bancos, as repartições públicas, as fábricas, os sindicatos, vão ficar sem expurgos? A peste vermelha rotulada de “nacionalismo”, continuará a ser tolerada nas escolas, nos bancos, na Petrobrás, nas repartições públicas? [...] ficarão impunes? (Motta, 1964, p. 23-28)

Ele retomou seu discurso anticomunista, pautado em questões religiosas, e lançou mão do antigo discurso integralista.

No âmbito municipal, também tinha seus desafetos, muitos deles ligados ao Partido Comunista Brasileiro, como se pode notar no trecho de uma carta dirigida ao gerente do Banco do Brasil, denunciando a ação de um funcionário:

O indivíduo A. P., conhecido agitador comunista neste município, há tempos rasgou um prospecto com clichê, de propaganda do Partido da Representação Popular. Tempos depois o mesmo bolchevista, entrando no recinto da Farmácia São José, retirou das vitrines e rasgou um clichê do Presidente Nacional do PRP. (Motta, 1968, 16v)

Na ocasião do golpe, o prefeito de Mundo Novo, Osvaldo Vitória, era um entusiasta dos ideais comunistas e já falava em reforma agrária, incomodando os fazendeiros da região. Em 1962, Osvaldo Vitória aliou-se a Waldir Pires nas eleições para governador do estado, e, por isso, converteu-se num inimigo político de Eulálio Motta. A deflagração da ditadura favoreceu ao escritor mundonovense, que compartilhava das ideias totalitárias dos generais. Assim, seu discurso panfletário tornou-se mais agressivo em relação ao governo municipal, fazendo sérias e perigosas acusações, cobrando providências:

Pergunto, entretanto, com amargura e profunda tristeza: nós, mundonovenses, temos motivos locais para festejarmos a Revolução? Não. Depois de cinco anos de existência do governo da Revolução, as corrupções e os corruptos locais continuam incólumes! Incólumes apesar de denúncias e publicidade das podridões e com provas abundantes, esmagadoras, insofismáveis! [...] não temos motivos locais para festejar a Revolução. (Motta, 1969, p. 17-20, 27)

A ditadura militar não realizou o sonho de Motta, mas ele sempre a invocava para tratar de questões do município, afirmando que acreditava na Revolução. Defendeu o Ato Institucional nº 5 e criticou o abrandamento do Regime. Retomou seu discurso católico conservador e seus conceitos de democracia orgânica, liberdade e liberalismo, pautando-se na doutrina integralista que na ocasião coadunava-se ao discurso totalitário dos generais. Chegou a escrever sobre os fundamentos da Revolução de 1964, com o objetivo de esclarecer a população, mas com o passar do tempo seu discurso já não tinha mais interlocutores e aos poucos ele foi silenciando.

A seguir, apresenta-se a descrição dos panfletos utilizados como *corpus* do presente estudo. Esses textos têm relevância história e linguística porque permitem

conhecer como as ideologias da ditadura militar eram propagadas e quais eram as práticas sociais e usos linguísticos que sustentavam seu discurso.

3 OS PANFLETOS DA DITADURA

Vitória do Brasil! foi o primeiro de uma série de textos que Eulálio Motta escreveu para exaltar a ditadura de 1964, publicado em 02 de abril de 1964. A esperança de Motta era que os generais acabassem com a politicalha no Brasil, principalmente em Mundo Novo. Para ele, os partidos políticos eram desprovidos de ideologia e tocavam o ritmo dos interesses pessoais, mantendo-se no poder quem comprava mais votos, e achava que com a ditadura isso acabaria. Além disso, via no regime um modo de expurgar os comunistas do poder. “*Mas, da atitude firme dos novos dirigentes, contra comunistas e plutocratas gananciosos, vai depender a consolidação da Vitória definitiva do Nacionalismo verde e amarelo contra o “nacionalismo” da foice e do martelo.*” (Motta, l.¹ 38-40, 1964, grifo do autor). Desse modo, retomou seu antigo discurso integralista e católico contra os comunistas, que é a tônica do panfleto *Vitória do Brasil!*. Motta afirmou que esse texto foi escrito antes mesmo de ser deflagrada a ditadura militar e publicado apenas três dias depois do episódio que marcou a história do Brasil. Durante o regime, seus panfletos tornaram-se mais agressivos, porque ele se colocava como defensor dos propósitos da ditadura, combatendo os desvios de verbas e os maus políticos.

Quinto Aniversário foi publicado em 31 de março de 1969, durante o aniversário da do regime. Nessa ocasião, Eulálio Motta normalmente escrevia um texto para exaltar o regime e fazer um balanço dos acontecimentos políticos: “Se não tivesse havido a Revolução Brasileira de 31 de março de 1964, os futuros filhos de vocês não teriam a glória de nascerem livres. Quero, pois, apesar daqueles motivos negativos referidos, saudar o porvir, saudando os futuros filhos de vocês com este grito: VIVA A REVOLUÇÃO!” (Motta, l. 41-44, 1969). Nesse panfleto, Motta refere-se ao modo como a população de Mundo Novo comemorava a data do aniversário do regime. Ele esperava que a ditadura militar atendesse aos seus apelos para punir os políticos de sua cidade que considerava corruptos, mas isso não aconteceu. Declarou que não tinha motivos locais para comemorar a data. Além disso, destacou o abandono em que estava a educação do município: “Depois de cinco anos de poder revolucionário, vemos os edifícios escolares nas vilas e povoados

¹ Utiliza-se L minúsculo seguido de ponto para indicar as linhas do panfleto.

do município caindo aos pedaços, em ruínas, com centenas de crianças crescendo na escuridão do analfabetismo!” (Motta, 1969, l. 21-23).

Sexto Aniversário foi publicado em 31 de março de 1970 e, mais uma vez, Motta declarou não ter motivos locais para comemorar porque os militares seguiam sem atender a suas reivindicações.

O panfleto *A pergunta de Rafael* foi lançado em outubro de 1972 e narra uma conversa com Rafael, empregado da Fazenda Morro Alto, acerca da aposentadoria para trabalhadores rurais. Logo depois, aborda o tema da Ditadura Militar, ressaltando os benefícios que, segundo ele, o regime trouxe para o povo brasileiro.

Nono Aniversário foi publicado em 31 de março de 1973 e integra a série de panfletos sobre o aniversário do golpe de 1964. No texto, Motta define a Revolução como o “milagre brasileiro”, no entanto ainda se mostra decepcionado com o regime, ao ver a situação política de Mundo Novo, em que, segundo ele, não havia intervenção dos militares. Nesse panfleto, afirmou que se entristece ao ver que a Revolução não tinha se libertado totalmente dos partidos, da “complacência com a mediocridade e a hegemonia dos partidos”. Mas conclui dizendo que acredita na força, na grandeza, na consciência da Revolução.

No décimo Aniversário foi publicado em 2 de abril de 1974. Nesse panfleto, mais uma vez relatou sua decepção com o regime diante da situação política de Mundo Novo. No final, o escritor põe uma nota *Post Scriptum* para explicar sua ação de “escriba da roça”: “P.S. - É bom esclarecer ‘a quem interessar possa’ que: - voltando à ação de ‘escriba da roça’, não tenho nenhuma intenção de me meter na política local. Porque a mim e aos meus não interessam honrarias de Sucupira.” (Motta, l. 58-61, 1974). Em diversos textos, intitulava-se como o “escriba da roça” ou como o “pasquineiro da roça”, que, segundo ele, exercia a função de porta voz do povo (Barreiros, 2013).

No décimo primeiro aniversário foi publicado em 31 de março de 1975. Nele, Eulálio Motta defendeu o AI-5, utilizando-se de argumentos históricos: “As tentativas de desmoralizar a Revolução com greves e quebra-quebras foram estancadas com os Atos Institucionais que se tornaram pilasstras, alicerces, garantia de permanência do Poder Revolucionário” (Motta, l. 6-7, 1975).

No ano 12 da revolução foi publicado em 05 de abril de 1976. No início desse panfleto, Motta cita seu caderno de crônicas “Diário de um João Ninguém II” e comenta suas decepções com as atitudes de senadores da Arena e deputados federais do MDB que, segundo ele, desafiavam a Revolução. No entanto a motivação de

seu panfleto é comemorar a notícia de cassação de deputados: “E eis que, na noite de 29-3-976, a televisão me trouxe a notícia-bomba: cassação de mandatos e de direitos políticos por dez anos dos deputados que cometeram aquêle atrevimento. Não! A Revolução não está morta! Está viva e forte! Mais viva e mais forte, nesse 12º. ano do que no ano primeiro” (Motta, l. 20-24, 1976). Finaliza mencionando um texto de sua autoria *Assalto ao Poder*, que publicou em 1962, e já anunciava a Revolução:

Em 1962, comentando patifaria da política liberal em meu município, publiquei um folheto intitulado. “Assalto ao Poder”, no qual está escrito: “Só há um jeito: - esperar... “Esperar a Revolução!” E dois anos depois ela chegava! E aí está comemorando o 12º. aniversário, viva e forte, não deixando sem resposta os desafios de seus inimigos! (Motta, l. 34-38, 1976).

Liberdade no ano 12 foi publicado em 29 de abril de 1976 e nele Eulálio Motta reitera seus comentários sobre a cassação de senadores e deputados que fizeram declarações contra o AI-5.

4 A ESTRURAÇÃO DO VOCABULÁRIO: UMA PROPOSTA DE ESTUDO FUNCIONAL DO LÉXICO DA DITADURA

As relações entre léxico e cultura, léxico e sociedade, são indubitavelmente, muito fortes, considerando-se que o léxico, com seu estatuto semiótico, é o elemento da língua de maior efeito extralinguístico por se reportar, em grande parte de seu conjunto, a um mundo referencial, físico, cultural, social e psicológico, em que se situa o homem. (Ferraz, 2006, p. 219)

O léxico de uma língua constitui-se num inventário aberto, mutável, que representa a visão de mundo e a cultura do povo que o usa. Nesse contexto, empreendeu-se um estudo lexicológico de nove panfletos, escritos no período de 1964 a 1976. Esses textos destacam-se pela riqueza da linguagem utilizada e por permitir o acesso a um vocabulário específico de um tema, que traduz os valores de um determinado tempo e lugar, sob o olhar de seu autor.

O estudo do léxico é amplo e envereda pela história, hábitos e costumes de um povo, já que é o resultado de inúmeras e complexas relações verificáveis num contínuo histórico da língua, sempre em constante movimento. Dessa forma, o léxico de uma língua está intimamente ligado às relações sociais e ao fenômeno da comunicação. Para Biderman (1998, p. 11), “A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras”. Esse termo genérico “palavra” corresponde, no jargão das ciências da linguagem, a três conceitos diferentes: *lexia*, *vocábulo* e *palavra*. Segundo Bizzocchi (1997, p. 55):

Partindo da tricotomia *sistema/normalfala*, proposta por Coseriu, vários autores definem a *lexia* como unidade léxica em nível de sistema, isto é, de língua, e o *vocábulo* como unidade léxica em nível de norma, reservando o termo *palavra* para cada uma das ocorrências concretas das *lexias/vocábulos* no texto. (Bizzocchi, 1997, p. 55)

A *lexia* pode apresentar diversos significados e, quando empregada no âmbito de um texto pertencente a determinado universo de discurso, ela se transforma em *vocábulo*, unidade de norma. O *vocábulo* empregado no texto é propriamente a *palavra*. A partir desses conceitos, Bizzocchi (1997, p. 55) distingue ainda léxico de vocabulário. Para o autor, *léxico* “é o conjunto das *lexias* de uma língua” e *vocabulário* “é o conjunto dos *vocábulos* de um universo de discurso”.

Apesar de todos esses conceitos representarem a codificação da língua, cada um mantém seu significado específico, por isso não se deve confundir léxico com vocabulário, ou até mesmo com dicionário ou glossário, pois “o léxico é social, geral e o essencial e o vocabulário é o particular, o individual e o acessório” (Vilela, 1995, p. 13). Por sua vez, “el *diccionario* no es más que la fijación material del léxico” (Lüdtke, 1974, p. 13), ou como afirma Vilela (1995, p. 13), é a “recolha ordenada dos *vocábulos* duma língua” e o glossário é o vocabulário específico de um “autor, de uma escola ou de uma época”.

Historicamente, um dos estudos mais antigos sobre a palavra ocorreu no século IV a.C. e teve sua origem na Índia, quando Panini, ao estudar o sânscrito, estabeleceu que a língua era constituída de dois elementos significativos, “as palavras reais (verdadeiras) – os itens lexicais – e as palavras fictícias – os morfemas” (Bezerra, 2004, p. 14). Posteriormente, os gregos, por volta do século V a.C., buscaram estabelecer o conceito das palavras e suas relações entre a ideia e a forma. Os latinos contribuíram com os estudos gramaticais, demonstrando as relações

entre forma e significado e a existência de oposição entre sistema (a gramática) e norma (o uso social).

Na Idade Média, retomam-se as discussões sobre a exatidão das palavras, estabelecendo-se, de um lado, os realistas (os que acreditam que as palavras refletem uma ideia) e, do outro, os nominalistas (os que não viam relação entre nome e coisa). Do Renascimento ao século XVIII, os estudos seguiram em duas direções: a confecção de dicionários e o estudo da palavra em sua dimensão filosófica. Nessa conjuntura, surge a Lexicologia, voltada para o estudo da língua falada, sendo que o conteúdo lexical seria dividido em “elementos conceituais (sentido ‘básico’ da palavra), elementos funcionais (sentido ‘específico’) e elementos morfossintáticos (sentido ‘acidental’) e defendiam os aspectos formal e histórico da palavra, subordinados aos aspectos semânticos e sociocultural” (Bezerra, 2004, p. 16).

No século XIX, o interesse dos estudiosos da Lexicologia passa a ser a comparação das palavras, buscando-as enquanto forma, sua natureza fonética e fonológica. Entre os estudos da época, destaca-se o método histórico-comparativo desenvolvido por Frederico Diez. De acordo com Abbade (2006, p. 216), é “nos finais do século XIX, com a marca triunfal da Geografia Linguística e conseqüentemente o florescimento da Onomasiologia, o interesse linguístico passa pouco a pouco da investigação fonética para a dos problemas lexicais”.

No século XX, em função das várias correntes linguísticas que predominavam, a Lexicologia se diversifica e seus estudos se atrelam a três teorias: “*Estruturalista*, na qual a língua é estudada sob o *ponto de vista formal e social*; *Gerativista*, em que a língua é estudada sob o *ponto de vista cognitivo*; e a *Funcionalista*, na qual a língua é estudada sob o *ponto de vista do uso social*” (Abbate, 2006, p. 216-217). No Brasil, os estudos lexicais têm seguido três perspectivas que delimitam as pesquisas realizadas: formação de palavras, vocabulário de especialidades (de grupos ou obras) e terminologia. A pesquisa empreendida a partir dos panfletos de Eulálio Motta é realizada sob a segunda, que trata das:

pesquisas desenvolvidas com base em teorias estruturalistas, principalmente as de campos lexicais, referentes a vocabulários usados por pessoas que fazem parte de um grupo sócio-profissional, ou a obras escritas. *O objetivo destas pesquisas, em geral, é registrar uma parte do léxico em uso, numa dada época, e aspectos da estilística lexical de profissionais da língua* (Abbate, 2006, p. 217, grifo nosso).

Desse modo, o estudo do vocabulário dos panfletos da ditadura possibilita conhecer como os ideais do regime militar de 1964 foram difundidos e se mantiveram a partir dos usos linguísticos de um sujeito, que contribuiu para a manutenção de tal discurso nas pequenas cidades do interior. Nesse sentido, os textos de Eulálio Motta sobre a ditadura caracterizam-se como importantes fontes históricas e linguísticas.

O léxico constitui-se num sistema dotado de complexa organização interna, no qual seus elementos estão relacionados entre si, como atesta Ullmann (1973, p. 498): “todas as palavras estão cercadas por uma rede de associações que as ligam com outros termos. Algumas dessas associações baseiam-se em ligações entre os sentidos, outras são puramente formais, enquanto que outras, finalmente, envolvem ao mesmo tempo a forma e o significado”. Essa perspectiva já havia sido apresentada em termos bem mais amplos por Saussure (2006, p. 145) ao tratar das relações associativas: “Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentem algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam”.

Para Guiraud (1989, p. 79-80): “Eis aí a grande originalidade e a grande revolução da lingüística saussuriana: mostrar que a língua é uma estrutura. [...] Saussure destacou também a ‘interanimação’ do léxico, onde cada palavra é o centro de uma ‘constelação’ associativa”. Uma das tentativas de formalizar essas relações associativas foi a noção de *campo linguístico* exposta por Trier em 1931, a qual se constitui na grande revolução da Semântica Moderna.

A ideia de Trier, bem como a de Weisgerber, é a de que nossos conceitos recobrem todo o campo do real sem deixar espaço vazio e sem se sobrepor, assim como as peças de um quebra-cabeças. Disso resulta o fato de que qualquer mudança nos limites de um conceito acarreta uma modificação dos conceitos vizinhos, e, em consequência, das palavras que os exprimem. [...] Assim é que *as palavras formam um “campo linguístico”, recobrando um campo conceitual* e exprimindo uma visão do mundo cuja reconstituição elas possibilitam (Guiraud, 1989, p. 83-85, grifo nosso).

A proposta de Trier provocou crítica e reações, como assinala Guiraud (1989, p. 86), pois apresentava limitações, como “a ideia de um campo lingüístico

homogêneo, sem vazios nem superposições”. No entanto, suas ideias deram origem a numerosos trabalhos. Abbade (2009, p. 40) ressalta que:

Tantas críticas existiram porque faltava um método para a teoria do campo, não existia uma técnica lingüística ou procedimentos linguísticos para esse estudo. As investigações estavam fundamentadas em intuições [...] A busca desse método é propósito de Eugenio Coseriu em seus esforços para criar uma semântica estrutural (Abbate, 2009, p. 40).

Devido à complexidade da carga semântica que envolve o processo de inventariar o vocabulário de uma língua, alguns teóricos como Horst Geckeler (1976), Stephen Ullmann (1973), Pierre Guiraud (1989), Mario Vilela (1979; 1995) e, principalmente, Eugenio Coseriu (1964a; 1964b; 1967; 1973; 1976), demonstraram a possibilidade de se realizar um estudo lexical a partir da teoria de estruturação dos campos lexicais.

Coseriu (1964a) demonstrou que, apesar de muitos problemas, é possível fazer um estudo diacrônico estrutural das significações das palavras. Ele ressalta que preferiu adotar em seu trabalho os termos já utilizados por Hjelmslev (expressão/ conteúdo), comparando-os com a dicotomia saussuriana (significante/significado). Assim, para significado, adotou “conteúdo” e para o significante, “expressão”, sendo que os “significados” são linguísticos e as “coisas” não o são. Para Coseriu (1991 [1964a], p. 11), “em un estudio diacrónico estructural del *plano del contenido*, entendiendo por ‘contenido’ la ‘forma’ y la ‘sustancia’ semántica como sustancia lingüísticamente ‘formada’”. No entanto esse estudo semântico diacrônico estrutural necessita da análise da língua funcional, ou seja, da língua enquanto sistema: “una lengua más o menos unitaria dentro de una lengua histórica, y no en lo que se refiere a una *lengua histórica* (francés, inglés, alemán, etc.) tomada en su conjunto, que, normalmente, abarca toda una serie de ‘lenguas funcionales’, a veces bastante diferentes” (Coseriu, 1991 [1964a], p. 12).

As unidades funcionais de uma língua devem estabelecer-se ali onde funcionam e mediante as oposições em que funcionam. Uma língua funcional é delimitada dentro de uma língua histórica, visto que esta é o conjunto de dialetos, níveis e estilos de língua. Assim, a língua funcional pode comprovar suas unidades e estruturas comuns por meio de uma língua histórica.

Coseriu (1976) tratou de uma semântica diacrônica do léxico, isto é, da diacronia das significações lexicais que definiu como lexemática diacrônica. Segundo

o autor, o conteúdo linguístico é composto de significação (conteúdo linguístico de determinada língua), designação (a relação com a realidade extralinguística) e sentido (o conteúdo particular de um texto ou de uma unidade de texto). Para ele, “la lexemática se ocupa únicamente – o, al menos, em primer lugar – del significado (contenido de lengua)” (Coseriu, 1976, p. 209). Portanto, “entende-se por *lexemática* ou *semântica estrutural* o estudo da estrutura do conteúdo (‘significado’) léxico” (Bechara, 1999, p. 385). Os signos linguísticos são constituídos por um significado (que é seu conteúdo, seu conceito) e um significante ou expressão, que é o objeto que este significante está representando, é sua realidade extralinguística. As relações entre significantes e seu signo linguístico foram chamadas de relações de designação e as relações entre os significados, de relações de significação, e só elas são estruturáveis (Bechara, 1999).

As palavras das quais a Lexemática se ocupa são aquelas que desempenham uma função léxica ou uma função social, ou seja, as que estruturam primariamente a experiência. É o que resta depois de se eliminar as determinações gramaticais e categoriais. Portanto, não se considera, para efeito de estruturação, as interjeições, os artigos, os pronomes, as preposições, as conjunções e as partículas de afirmação e de negação além dos nomes próprios e dos numerais. Serão consideradas apenas as palavras lexemáticas, isto é, aquelas que desempenham a “função léxica”, pois representam a “configuração semântica do léxico” (Coseriu, 1964b, p. 89). Segundo o autor:

La tarea fundamental de la lexemática en cuanto disciplina estructural descriptiva consiste en deslindar dentro de las lenguas funcionales e describir de manera sistemática y exhaustiva la paradigmática y sintagmática del vocabulario en el plano del contenido. Su especificidad frente al estudio funcional de las lenguas en general de lo específico de las estructuras paradigmáticas y sintagmáticas que considera. (Coseriu, 1976, p. 229)

Coseriu (1976, p. 229) classifica as estruturas lexemáticas em: a) estruturas paradigmáticas: primárias (campo léxico e classe léxica) e secundárias (modificação, desenvolvimento e composição); b) estruturas sintagmáticas: afinidade, seleção, implicação. Dentro delas, caracteriza o campo lexical, que se constituiu em uma das principais propostas de estudos do autor, como “una estructura paradigmática constituida por unidades léxicas (‘lexemas’) que se reparten entre sí uma zona de significación común y que se hallan en oposición inmediata las unas com las

otras” (Coseriu, 1976, p. 230). Assim, “Un campo léxico és, desde el punto de vista estructural, un paradigma léxico que resulta de la repartición de un contenido léxico continuo entre diferentes unidades dadas en la lengua como palabras y que se oponen de manera inmediata unas as otras, por medio de rasgos distintivos mínimos” (Coseriu, 1967, p. 146).

As relações internas de um campo léxico enquanto estruturas de conteúdo são determinadas pelas oposições semânticas em que funcionam. Logo, a estrutura semântica de uma língua está constituída por campos lexicais, sendo que cada campo “compreende um conjunto de unidades léxicas que dividem entre si uma zona comum de significação com base em oposição” (Vilela, 1979, p. 60-61). Os vocábulos refletem a materialização dos diversos campos léxicos de uma língua, sendo que os subconjuntos de palavras pertencem a um mesmo campo de interesse ou de conhecimento. Segundo Celina Abbade (2009, p. 38-39):

As palavras estão organizadas em um campo com mútua dependência, ou seja, elas adquirem uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais. [...] Ela não tem sentido se lhe faltam outras semelhantes ou opostas, pois necessita sempre de um *campo conceitual*.

Partindo desse pressuposto, apresenta-se nesse trabalho, em uma perspectiva diacrônica estrutural, o levantamento das lexias existentes nos panfletos de Eulálio Motta sobre a ditadura Militar de 1964, e a organização em campos lexicais. Inicialmente realizou-se o levantamento daquelas encontradas no *corpus*, a partir do fichamento. Em seguida, procedeu-se a consulta a dicionários de língua portuguesa em uso no período da escrita dos panfletos, para então organizá-las nos campos propostos. Essa organização foi baseada em um critério hierárquico, partindo do campo mais genérico para o mais específico. Com base na teoria da estruturação dos campos lexicais, demonstra-se que é possível fazer um estudo funcional do léxico tomando como base os usos linguísticos num *corpus* escrito sobre uma temática específica.

5 A ESTRUTURAÇÃO DOS CAMPOS LEXICAIS

A ditadura foi um regime de organização política no qual os militares conduziram o país, após o golpe de 31 de março de 1964, sob a alegação de que havia uma ameaça comunista no Brasil. O regime estendeu-se até 1985. Os partidos políticos foram proibidos e os alvos eram essencialmente os comunistas, que reagiram veementemente contra a repressão imputada pela Ditadura. Os integrantes do Partido Comunista tiveram seus direitos políticos cassados, foram perseguidos, torturados, assassinados e eram vistos pelos militares como uma ameaça constante que precisava ser combatida. Do ponto de vista ideológico, o regime precisava encontrar meios de propagar suas ideias. Uma das estratégias utilizadas foi o controle dos meios de comunicação, institucionalizando uma censura rigorosa e o incentivo às publicações que corroboravam os valores da ditadura. Eulálio Motta assumiu o papel de porta voz dos militares na região de Mundo Novo e seus panfletos apresentam duas visões que se complementam: a defesa do regime e o ataque ao comunismo e a tudo que a ele se relacionasse. Nesse sentido, o escritor mundonovese fez uso de um vocabulário com grande carga ideológica que certamente contribuiu para a formação da opinião pública sobre o regime e o Partido Comunista, compreendidos como duas forças antagônicas. Isso pode ser exemplificado em “*Revolução redentora*” versus “*Diabólica Organização*”, ou ainda, “*Homens de consciência*” versus “*Assassinos da liberdade*”.

Sendo assim, para o estudo do vocabulário da ditadura nos panfletos de Eulálio Motta, apresentam-se dois macrocampos – *Ditadura de 1964* e *Partido Comunista* – e dois microcampos *Adeptos da Ditadura de 1964* e *Adeptos do Comunismo*. Esses campos lexicais destacam-se porque se referem a grupos ideologicamente antagônicos e que estiveram em constante embate, propiciando o uso de um vocabulário específico para designar práticas sociais e sujeitos implicados nas batalhas ideológicas travadas ao longo de vários anos.

As lexias inventariadas revelam os usos sociais da língua, associados ao modo de agir e pensar de um sujeito. Eulálio Motta atribui sentido às palavras a partir de seus posicionamentos ideológicos. Lexias como “heróis”, “revolução” e “revolucionário”, por exemplo, são utilizadas em favor da ditadura. Mas as mesmas certamente são utilizadas pelos comunistas, dando-lhes conotações positivas a favor do partido.

No primeiro macrocampo, *Ditadura de 1964*, constam as designações relacionadas ao Regime. Registram-se onze lexias com frequência variada.

Quadro 1 - Relação das lexias que compõem o macrocampo *Ditadura de 1964*.

<i>DITADURA DE 1964</i>		
Lexia	Variação gráfica	Frequência
Revolução	Revoluções	55 vezes
Revolução Brasileira	-----	6 vezes
Revolução Redentora do Brasil	-----	2 vezes
Revolução com R maiúsculo	-----	1 vez
Regime revolucionário	-----	1 vez
Regime da Revolução	-----	1 vez
Poder Revolucionário	-----	5 vezes
Milagre brasileiro	-----	1 vez
Nacionalismo verde e amarelo	-----	1 vez
Doutrina revolucionária	-----	1 vez
Consciência revolucionária	-----	3 vezes
TOTAL DE LEXIAS = 11		

Fonte: Elaborado pelos autores a partir do acervo de Eulálio Motta.

No microcampo *Adeptos da Ditadura de 1964*, constam as designações relacionadas aos partidários do regime. Registram-se três lexias com frequência única.

Quadro 2 - Relação das lexias que compõem o microcampo *Adeptos da Ditadura de 1964*.

<i>ADEPTOS DA DITADURA DE 1964</i>		
Lexia	Variação gráfica	Frequência
Heróis	-----	1 vez
Homens de consciência	-----	1 vez
Homens da Revolução	-----	1 vez
TOTAL DE LEXIAS = 3		

Fonte: Elaborado pelos autores a partir do acervo de Eulálio Motta.

No macrocampo *Partido Comunista*, constam as lexias relacionadas ao comunismo, oposto à ditadura militar. Nesse campo, registraram-se treze lexias com frequência variada.

Quadro 3 - Relação das lexias que compõem o macrocampo
Partido Comunista.

<i>PARTIDO COMUNISTA</i>		
Lexia	Variação gráfica	Frequência
Diabólica organização cretinizadora	-----	1 vez
Monstro	-----	1 vez
Monstro vermelho	-----	1 vez
Liberalismo caduco	-----	1 vez
Liberdade liberticida	-----	2 vezes
Anti-Nação	-----	1 vez
Nacionalismo da foice e do martelo	-----	1 vez
Brasil cubanizado	-----	1 vez
Sanguinário imperialismo russo	-----	1 vez
Peste vermelha	-----	1 vez
Fascismo vermelho	-----	1 vez
Paraíso vermelho	-----	1 vez
Exército Vermelho	-----	1 vez
TOTAL DE LEXIAS = 13		

Fonte: Elaborado pelos autores a partir do acervo de Eulálio Motta.

No microcampo *Adeptos do Comunismo*, constam as designações relacionadas aos militantes do partido comunista. Registram-se vinte lexias com frequência variada.

Quadro 4 - Relação das lexias que compõem o microcampo
Adeptos do Comunismo.

<i>ADEPTOS DO COMUNISMO</i>		
Lexia	Variação gráfica	Frequência
Agitadores totalitários	-----	1 vez
Assassinos da liberdade	-----	1 vez
Pelêgo	-----	2 vezes
Claque de pelegos	-----	1 vez
Cretinos	-----	2 vezes
Criaturas cretinizadas	-----	1 vez
Gorilas	-----	1 vez
Inocentes úteis	-----	5 vezes
Jangos “et caterva”	-----	1 vez
Liberais	Liberal	6 vezes
Liberticidas	Liberticida	1 vez
Liberaloides	-----	1 vez
Moleques de Moscou	-----	2 vezes
Paladinos da liberdade	-----	1 vez
Plutocratas	-----	1 vez
Vermelhos	-----	2 vezes
Vermelhoides	-----	5 vezes
Subversivos	-----	1 vez
Raposas	-----	3 vezes
Agitadores totalitários	-----	1 vez
TOTAL DE LEXIAS = 20		

Fonte: Elaborado pelos autores a partir do acervo de Eulálio Motta.

As lexias encontradas foram organizadas em ordem hierárquica em seus respectivos campos lexicais, descritas a partir do hipônimo existente no *corpus*, acompanhadas, quando necessário, da ortografia moderna entre colchetes, da categoria gramatical e do respectivo significado no panfleto. Os exemplos são citados de acordo com o texto editado, destacados em negrito, e segue-se da indicação, entre parênteses, do sobrenome do autor, do título do panfleto, do ano de publicação

e da numeração das linhas em que se encontram. Ressalta-se que, em razão da extensão do *corpus*, apresenta-se um exemplo para cada lexia.

5.1 O macrocampo *Ditadura de 1964*

Revolução – s. f. Movimento de caráter político, por meio do qual os militares conquistaram pela força o governo do Brasil, em 1964.

Esta **Revolução** é Revolução com R maiúsculo! Não pode falhar! Tem o apoio de Deus e da Nação! cumprirá, está cumprido, sua divina missão de fazer deste país, a maior potência cristã da História. (Motta, *Nono aniversário*, 1973, l. 42-46).

Revolução Brasileira – exp. Ação política realizada pelos militares que assumiram o poder no Brasil, em 1964.

A **Revolução Brasileira**, que se difere profundamente da Revolução Francesa, da Revolução Russa, da Revolução Cubana, de todas as revoluções do mundo. As outras produziram guilhotinas, campos de torturas, escravidões. A **Revolução Brasileira** faz milagres, inclusive o milagre de responder a pergunta de Rafael. [...]. (Motta, *A pergunta de Rafael*, 1972, l. 53-60).

Revolução Redentora do Brasil – exp. Ação política que prometia mudanças e resultou no Golpe Militar de 1964, no Brasil.

Não é de admirar que o décimo aniversário da grande **Revolução Redentora do Brasil** tenha passado sem nenhuma comemoração nesta cidade! Acontecimento extraordinário, o maior, o mais belo, o mais fecundo de nossa História, não pode ser compreendido, não pode ser sentido, não pode fazer vibrar a quem coloca mesquinhos rancores pessoais acima de tudo. (Motta, *No décimo aniversário*, 1974, l. 32-36).

Revolução com R maiúsculo – exp. Acontecimento de grande dimensão histórica capaz de mudar os rumos do país.

Esta Revolução é **Revolução com R maiúsculo**! Não pode falhar! Tem o apoio de Deus e da Nação! cumprirá, está cumprido, sua divina missão de fazer deste país, a maior potência cristã da História. (Motta, *Nono aniversário*, 1973, l. 42-46).

Regime revolucionário - exp. Modo de governar o Estado a partir de uma revolução.

Depois de cinco anos de poder revolucionário, vemos os edifícios escolares nas vilas e povoados do município caindo aos pedaços, em ruínas, com centenas de crianças crescendo na escuridão do analfabetismo! Depois de cinco anos de **regime revolucionário**, continuamos sem água encanada, sem energia e sem asfalto, com a tão falada “estrada do feijão” virando piada! (Motta, *Quinto aniversário*, 1969, l. 21-24)

Regime da Revolução - exp. Modo de governar imputado pelo Regime Militar de 1964.

Estamos vivendo em um regime no qual o brasileiro é livre para ter a religião que quiser, o estado civil que quiser, a profissão que quiser, a residência onde quiser e puder, enfim: o brasileiro vive em plena liberdade; liberdade mantida e defendida pelo **regime da Revolução** (Motta, *Liberdade no ano 12*, 1976, l. 2-8).

Poder Revolucionário – exp. Poder do Golpe Militar que aconteceu no Brasil, em 1964.

É preciso que o **Poder Revolucionário** seja super-partidário, esteja acima das injunções político-partidárias. Que os dois partidos existentes e mais um ou uns que porventura surjam, sejam todos de apoio à Revolução, cooperadores da Revolução. Que no campo de ação dos partidos não se inclua o direito de atacar os pilares do **Poder Revolucionário**, que são os Atos Institucionais, principalmente, repito, o Ato Institucional nº 5. (Motta, *No décimo primeiro aniversário*, 1975, l. 37-43).

Milagre brasileiro – exp. Mudanças consideradas positivas, ocorridas no Brasil, durante a Ditadura Militar de 1964.

E, então, compreenderá porque no estrangeiro se fala tanto em “**milagre brasileiro**” depois de se ter falado em milagre alemão e milagre japonês. E o **milagre brasileiro** é o maior, conforme expõe e comprova Murilo Melo Filho, em seu excelente livro intitulado “**Milagre Brasileiro**”. (Motta, *Nono aniversário*, 1973, l. 9-12).

Nacionalismo verde e amarelo - exp. Ideologia de valorização dos interesses nacionais a partir do que o Brasil tem e não daquilo que vem de fora.

Não vamos esperar milagres imediatos; os problemas são complexos, numerosos e difíceis, muito difíceis. Mas, da atitude firme dos novos dirigentes, contra comunistas e plutocratas gananciosos, vai depender a consolidação da Vitória

definitiva do Nacionalismo verde e amarelo contra o “nacionalismo” da foice e do martelo. (Motta, *Vitória do Brasil!*, 1964, l. 36-40).

Doutrina revolucionária - exp. Conjunto de dogmas e princípios que fundamentaram o Regime Militar de 1964.

Depois de onze anos vividos, não sei da publicação de nenhum livro de **doutrina revolucionária!** Urge que isto seja feito para que o povo, com consciência revolucionária, não se deixe ser presa de liberais demagogos anacrônicos, manejados por agitadores totalitários com diplomas de cursos em Moscou, Havana ou Pekim. (Motta, *No décimo primeiro aniversário*, 1975, l. 28-32).

Consciência revolucionária [consciência] – exp. Percepção e conhecimento que permitem compreender, com profundidade, o sentido da revolução.

Depois de onze anos vividos, não sei da publicação de nenhum livro de doutrina revolucionária! Urge que isto seja feito para que o povo, com **consciência revolucionária**, não se deixe ser presa de liberais demagogos anacrônicos, manejados por agitadores totalitários com diplomas de cursos em Moscou, Havana ou Pekim. (Motta, *No décimo primeiro aniversário*, 1975, l. 28-32).

5.1.1 O microcampo Adeptos da Ditadura de 1964

Heróis - s. m. Militares que ocuparam o poder por meio do Golpe Militar de 1964. Homens considerados notáveis pela coragem e bravura.

Alinhavo estas rápidas referências a Kravchenko e aos nossos pobres “inocentes úteis” cretinizados, no dia 2 de abril de 1964, ainda sob a emoção causada pela formidável vitória da Nação contra a anti-Nação; do povo do Brasil contra a claque de pelégos, comunistas e cretinos - claque que o pelégo João Gulart confundia com o Povo; escrevo estas rápidas referências para fazer algumas perguntas aos **heróis** desta Vitória do Brasil. (Motta, *Vitória do Brasil!*, 1964, l. 21-26).

Homens de consciência [consciência] – exp. Militares que souberam avaliar a situação do Brasil e tomaram o poder por meio do Golpe Militar de 1964.

Foi então que a família brasileira saiu á rua de terços nas mãos e preces nos lábios, apelando para Deus e para os **homens de consciência**, pedindo um

ponto final a tão grave ameaça à nossa liberdade, à nossa vida, à nossas mais caras tradições de religião, de Pátria e família. (Motta, *Sexto aniversário*, 1970, l. 26-31).

Homens da Revolução – exp. Os homens que empreenderam o Golpe Militar que aconteceu no Brasil em 1964.

Envez de condenarem esta revolução que tem feito tanto bem à Nação, deveriam ajudá-la, fazendo oposição aos erros que porventura cometam **homens da Revolução** e não à Revolução. (Motta, *No ano 12 da Revolução*, 1976, l. 26-28).

5.2 O macrocampo *Partido Comunista*

Diabólica organização cretinizadora – exp. Organização funesta, do mal.

Pobres “inocentes úteis” cretinizados nos colégios, nos bancos, nas repartições públicas, nas fábricas, nos sindicatos, em toda parte onde conseguiu penetrar a **diabólica ogranização cretinizadora** do sanguinário imperialismo russo. (Motta, *Vitória do Brasil!*, 1964, l. 17-19).

Monstro - s. m. Trata-se de uma metáfora para ressaltar o aspecto assustador, cruel e desumana do comunismo.

E o Brasil cubanizado arrastaria todo o continente sul-americano para as garras do **monstro**. (Motta, *Quinto aniversário*, 1969, l. 34-35).

Monstro vermelho - exp. Metáfora para destacar aspectos negativos do comunismo.

Porque aqueles motivos o exigem e o justificam: a certeza, por exemplo, de que: – se não tivesse havido a Revolução de 31 de março de 64, reabilitada vigorosamente, pelo 13 de dezembro de 68, o **monstro vermelho** transformaria o Brasil numa Cuba de proporções continentais! (Motta, *Quinto aniversário*, 1969, l. 31-35).

Liberalismo caduco - exp. Doutrina ultrapassada que se baseia na liberdade individual, econômica, política, religiosa e intelectual dentro da sociedade e contra intervenções coercitivas do Estado.

O **liberalismo caduco** continuará permitindo liberdade aos assassinos da liberdade? Continuarão sem direitos políticos cassados vermelhos e pelêgos

tipo Abelardo Jurema e Waldir Pires? (Motta, *Vitória do Brasil*, 1964, l. 29-31).

Liberdade liberticida – exp. Liberdade anárquica que destrói as liberdades fundamentais do ser humano e, por isso mesmo, inadequada para a sociedade.

Não percamos de vista o fato de que há liberdade de concepção liberal e liberdade de concepção cristã. A liberdade do liberalismo é instrumento de introdução e execução de golpes totalitários. É **liberdade liberticida**. (Motta, *No décimo primeiro aniversário*, 1975, l. 21-25).

Anti-Nação - s. f. Contrário ao princípio de Nação e que ameaça o poder do Estado.

Alinhavo estas rápidas referências a Kravchenko e aos nossos pobres “inocentes úteis” cretinizados, no dia 2 de abril de 1964, ainda sob a emoção causada pela formidável vitória da Nação contra a **anti-Nação**; do povo do Brasil contra a claqué de pelêgos, comunistas e cretinos – claqué que o pelêgo João Goulart confundia com o Povo; escrevo estas rápidas referências para fazer algumas perguntas aos heróis desta Vitória do Brasil. (Motta, *Vitória do Brasil*, 1964, l. 22-26).

Nacionalismo da foice e do martelo – exp. Nacionalismo fundamentado nos princípios do comunismo.

Não vamos esperar milagres imediatos; os problemas são complexos, numerosos e difíceis, muito difíceis. Mas, da atitude firme dos novos dirigentes, contra comunistas e plutocratas gananciosos, vai depender a consolidação da Vitória definitiva do Nacionalismo verde e amarelo contra o “nacionalismo” da foice e do martelo. (Motta, *Vitória do Brasil*, 1964, l. 36-40).

Brasil cubanizado – exp. O Brasil transformado num regime ditatorial comunista tal como o de Cuba.

E o **Brasil cubanizado** arrastaria todo o continente sul-americano para as garras do monstro. (Motta, *Quinto aniversário*, 1969, l. 34-35).

Sanguinário imperialismo russo – exp. O cruel, feroz e impiedoso regime imperial russo comandado pelos comunistas.

Pobres “inocentes úteis” cretinizados nos colégios, nos bancos, nas repartições públicas, nas fábricas, nos sindicatos, em toda parte onde conseguiu penetração a diabólica organização cretinizadora do **sanguinário imperialismo russo**. (Motta, *Vitória do Brasil*, 1964, l. 16-18).

Peste vermelha – exp. Metáfora que se refere ao regime comunista que se alastra atingindo as pessoas como uma epidemia e favorece a corrupção dos costumes humanos.

A **peste vermelha** rotulada de “nacionalismo”, continuará a ser tolerada nas escolas, nos bancos, na Petrobrás, nas repartições públicas? (Motta, *Vitória do Brasil*, 1964, l. 27-28).

Fascismo vermelho – exp. Regime comunista de dimensões imperialista, antiliberal e antidemocrático, com base na força, na censura e na supressão violenta da oposição.

Hoje é comum, até em insignificantes cidadezinhas do interior, encontrar-se tal tipo de criaturas cretinizadas botando falações, “sabiduriagens”, nas farmácias, nos lares, nas esquinas; enchendo suas bôcas embigodadas de slogans e palavras dos moleques de Moscou: – reacionários, latifundiários, gorilas... e xingamentos dirigidos aos Estados Unidos, sem nenhuma palavra de condenação ao **fascismo vermelho** do imperialismo russo. (Motta, *Vitória do Brasil*, 1964, l. 18-21).

Paraíso vermelho – exp. Refere-se ironicamente ao regime comunista russo.

E foi, então, que êsse grande da União Soviética resolveu fugir do “**paraíso vermelho**,” publicando o seu famoso livro, expressivamente intitulado “Escolhi a Liberdade”. (Motta, *Vitória do Brasil*, 1964, l. 7-9).

Exército Vermelho – s. f. Força militar do governo comunista russo.

Formou-se em Engenharia; fêz-se chefe de organizações industriais (do Estado, é claro): combatente da segunda Grande Guerra, como capitão do **Exército Vermelho**; membro, finalmente, do Politburo, de onde foi destacado por Stalin para compor a Comissão Comercial da Rússia enviada aos Estados Unidos. (Motta, *Vitória do Brasil*, 1964, l. 4-7).

5.2.1 O microcampo Adeptos *do Comunismo*

Agitadores totalitários - exp. Indivíduos que promovem agitações sem admitir qualquer tipo de censura ou oposição.

Depois de onze anos vividos, não sei da publicação de nenhum livro de doutrina revolucionária! Urge que isto seja feito para que o povo, com consciência revolucionária, não se deixe ser presa de liberais demagogos anacrônicos, manejados por **agitadores totalitários** com diplomas de cursos em Moscou, Havana ou Pekim. É preciso salvar a liberdade da Pessoa Humana, evitando a liberdade liberticida de liberais inocentes úteis, nem sempre inocentes. (Motta, *No décimo primeiro aniversário*, 1975, l. 28-34).

Assassinos da liberdade – exp. Pessoas que destroem, aniquilam a liberdade.

O liberalismo caduco continuará permitindo liberdade aos **assassinos da liberdade**? Continuarão sem direitos políticos cassados vermelhos e pelêgos tipo Abelardo Jurema e Waldir Pires? (Motta, *No décimo primeiro aniversário*, 1975, l. 28-34).

Pelêgo [pelego] – s. m. Pessoa que foi cooptada, mudou de lado.

Alinhavo estas rápidas referências a Kravchenko e aos nossos pobres “inocentes úteis” cretinizados, no dia 2 de abril de 1964, ainda sob a emoção causada pela formidável vitória da Nação contra a anti-Nação; do povo do Brasil contra a claue de pelêgos, comunistas e cretinos – claue que o **pelêgo** João Goulart confundia com o Povo; escrevo estas rápidas referências para fazer algumas perguntas aos horóis desta Vitória do Brasil. (Motta, *Vitória do Brasil*, 1964, l. 22-26).

Claue de pelêgo [pelegos] – exp. Grupo de partidários comunistas, que trabalhavam contra os interesses do povo.

Alinhavo estas rápidas referências a Kravchenko e aos nossos pobres “inocentes úteis” cretinizados, no dia 2 de abril de 1964, ainda sob a emoção causada pela formidável vitória da Nação contra a anti-Nação; do povo do Brasil contra a **claue de pelêgos**, comunistas e cretinos – claue que o pelêgo João Goulart confundia com o Povo [...]. (Motta, *Vitória do Brasil*, 1964, l. 22-25).

Cretinos – s. m. Pessoas que têm comportamento estúpido, muito pouco sensato, atrevido, insolente.

Alinhavo estas rápidas referências a Kravchenko e aos nossos pobres “inocentes úteis” cretinizados, no dia 2 de abril de 1964, ainda sob a emoção causada pela formidável vitória da Nação contra a anti-Nação; do povo do

Brasil contra a claque de pelêgos, comunistas e **cretínos** – claque que o pelêgo João Gulart confundia com o Povo [...]. (Motta, *Vitória do Brasil*, 1964, l. 22-25).

Criaturas cretinizadas – exp. Pessoas imbecilizadas.

Hoje é comum, até em insignificantes cidadezinhas do interior, encontrar-se tal tipo de **criaturas cretinizadas** de slogans e palavras dos moleques de Moscou: – reacionários, latifundiários, gorilas... e xingamentos dirigidos aos Estados Unidos, sem nenhuma palavra de condenação ao fascismo vermelho do imperialismo russo. (Motta, *Vitória do Brasil*, 1964, l. 18-21).

Gorilas - s. m. Militar adepto de golpe de estado, de tendência de direita.

Hoje é comum, até em insignificantes cidadezinhas do interior, encontrar-se tal tipo de criaturas cretinizadas botando falações, “sabiduriagens”, nas farmácias, nos lares, nas esquinas; enchendo suas bôcas embigodadas de slogans e palavras dos moleques de Moscou: – reacionários, latifundiários, **gorilas**... e xingamentos dirigidos aos Estados Unidos, sem nenhuma palavra de condenação ao fascismo vermelho do imperialismo russo. (Motta, *Vitória do Brasil*, 1964, l. 18-21).

Inocentes úteis – exp. Homens ingênuos que se tornaram úteis para divulgar os ideais do comunismo e para militar no Partido Comunista.

Pobres “**inocentes úteis**” cretinizados nos colégios, nos bancos, nas repartições públicas, nas fábricas, nos sindicatos, em toda parte onde conseguiu penetração a diabólica organização cretinizadora do sanguinário imperialismo russo. Hoje é comum, até em insignificantes cidadezinhas do interior, encontrar-se tal tipo de criaturas cretinizadas de slogans e palavras dos moleques de Moscou [...]. (Motta, *Vitória do Brasil*, 1964, l. 16-21).

Jangos “et caterva” – exp. Metáfora para nomear os partidários de João Goulart, também conhecido por Jango. A expressão latina *et caterva* significa ‘e os comparsas’.

Pela mão da democracia liberal, o comunismo se infiltrava fazendo greves ilícitas, semeando ódio de classes, desrespeitando e agredindo o princípio de autoridade, com passeatas e violências depredando casas comerciais, incendiando automóveis, espalhando o pânico, perturbando toda a vida nacional, com a conivência de governantes indignos, dos **Jangos “et caterva”**. (Motta, *Sexto aniversário*, 1970, l. 21-25).

Liberais – s. f. Pessoas adeptas aos ideais do liberalismo.

Depois de onze anos vividos, não sei da publicação de nenhum livro de doutrina revolucionária! Urge que isto seja feito para que o povo, com consciência revolucionária, não se deixe ser presa de **liberais** demagogos anacrônicos, manejados por agitadores totalitários com diplomas de cursos em Moscou, Havana ou Pekim. É preciso salvar a liberdade da Pessoa Humana, evitando a liberdade liberticida de **liberais** inocentes úteis, nem sempre inocentes. (Motta, *No décimo primeiro aniversário*, 1975, l. 28-34).

Liberticidas – s. f. Pessoas que investem contra ou que destroem as liberdades de uma sociedade, de um povo, de um país.

Não há e não deve haver liberdade para os irresponsáveis, para os **liberticidas**, para os que, inocentes-úteis ou mal intencionados, tentem agir de modo a pôr em perigo a existência da Liberdade. (Motta, *Liberdade no ano 12*, 1976, l. 22-27, coluna 1)

Liberaloides – s. f. Termo pejorativo para nomear os adeptos ao liberalismo.

Resta-me esta doce consolação: a certeza de que, com Ernesto Geisel na presidência e Armando Falcao no Ministério da Justiça, o AI-5 continuará irremovível, a Revolução continuará inabalável! Para tristeza de **liberaloides** e vermelhoides saudosistas que andam aberrando por “abertura democrática” numa evidente demonstração de que “os cães querem voltar ao vômito”, “os porcos querem voltar à lama”. (Motta, *No décimo aniversário*, 1974, l. 50-55)

Moleques de Moscou – exp. Pessoas sem caráter, sem integridade, ligados ao regime comunista russo.

Hoje é comum, até em insignificantes cidadezinhas do interior, encontrar-se tal tipo de criaturas cretinizadas botando falações, “sabiduriagens”, nas farmácias, nos lares, nas esquinas; enchendo suas bôcas embigodadas de slogans e palavras dos **moleques de Moscou**: – reacionários, latifundiários, gorilas... e xingamentos dirigidos aos Estados Unidos, sem nenhuma palavra de condenação ao fascismo vermelho do imperialismo russo. (Motta, *Vitória do Brasil!*, 1964, l. 18-21).

Paladinos da liberdade – exp. Aqueles que defendiam a liberdade com esforço e coragem.

Já pensaram vocês o que seria de nós, o que seria desta Nação, deste nosso querido Brasil, se neste momento de tantos tormentos mundiais, de tantas e tão graves crises econômicas, políticas, sociais, estivessem as reedeas do poder de nossa Pátria em mãos desses demagogos que ontem levaram o País à ruína quase total e hoje voltam se apresentando como bonzinhos ou bonzões, **paladinos da liberdade**, salvadores da Pátria? (Motta, *Liberdade no ano 12*, 1976, l. 11-21, coluna 2).

Plutocratas – s. f. Pessoas das elites econômicas que trabalhavam no governo brasileiro.

Êsses **plutocratas** que gastavam milhões em publicidades nos órgãos comunistas por velhacaria, ganância e covardia; êsses também ficarão impunes? (Motta, *Vitória do Brasil*, 1964, l. 33-35).

Vermelhos – s. f. Comunistas.

O liberalismo caduco continuará permitindo liberdade aos assassinos da liberdade? Continuarão sem direitos políticos cassados **vermelhos** e pelêgos tipo Abelardo Jurema e Waldir Pires? (Motta, *Vitória do Brasil*, 1964, l. 29-31).

Vermelhoides – s. f. Termo pejorativo para nomear os comunistas.

Resta-me esta doce consolação: a certeza de que, com Ernesto Geisel na presidência e Armando Falcao no Ministério da Justiça, o AI-5 continuará irremovível, a Revolução continuará inabalável! Para tristeza de liberaloides e **vermelhoides** saudosistas que andam aberrando por “abertura democrática” numa evidente demonstração de que “os cães querem voltar ao vômito”, “os porcos querem voltar à lama”. (Motta, *No décimo aniversário*, 1974, l. 50-55).

Subversivos – s. m. Pessoas que promovem subversão.

As raposas de todos os quilates, corruptos e **subversivos**, estavam nas ruas, nas escolas, no parlamento, nas assembleias, na imprensa, alardeando arrogâncias e prestígio, saudando sem temores nem escrúpulos, a volta daquele tenebroso 13 de março que motivou o luminoso 31 que é um 13 pelo avêssio! (Motta, 1969, l. 11-14).

Raposas – s. f. Pessoas espertas, astuciosas.

As **raposas** de todos os quilates, corruptos e subversivos, estavam nas ruas, nas escolas, no parlamento, nas assembleias, na imprensa, alardeando arrogâncias e prestígio, saudando sem temores nem escrúpulos, a volta daquele tenebroso 13 de março que motivou o luminoso 31 que é um 13 pelo avêss! E que agora festejamos, graças a outro 13 luminoso: o 13 de dezembro de 968, que nos deu o providencial Ato Institucional n. 5, sem o qual não estaríamos aqui festejando o 5º aniversário da Revolução. (Motta, *Quinto aniversário*, 1969, l. 11-16).

6 CONCLUSÕES

As 47 lexias selecionadas no *corpus* revelam os usos linguísticos de Eulálio Motta e evidenciam seu posicionamento ideológico durante a ditadura militar de 1964. Por meio dos panfletos, o escritor fez chegar a várias localidades seu discurso, influenciando pessoas e difundindo seus ideais em favor do regime. Foi um homem de prestígio na região de Mundo Novo, pois sua formação acadêmica o colocava numa condição de destaque. Além do grau acadêmico, raro entre os habitantes do local, o Dr. Eulálio Motta, como era conhecido, representava não apenas o farmacêutico, mas, principalmente, o intelectual, capaz de traduzir o que se passava em seu entorno.

A população de Mundo Novo lhe solicitava que escrevesse crônicas, comentando os acontecimentos, e ele aproveitava para fazer referências a leituras, citando autores, introduzindo novas palavras no cotidiano. Na década de 1960, os sistemas de comunicação de massa não estavam difundidos em determinadas regiões do país, mas, mesmo assim, Motta soube dialogar com o que era veiculado no rádio e na televisão, comentando o que estava sendo transmitido naquela ocasião, explicando determinados assuntos, atribuindo sentidos a acontecimentos. Desse modo, estudar o léxico utilizado por ele para dar sentido à ditadura é também compreender como a comunidade mundonovense foi influenciada pelos seus textos.

O modo como o vocabulário foi organizado, por meio da estruturação de campos lexicais, permitiu visualizar os recursos linguísticos utilizados por Eulálio Motta para se posicionar contra os comunistas e a favor do regime. A organização das lexias em campos que se opõem ideologicamente, ditadura militar *versus* comunismo, ampliou a percepção da significação das palavras e expressões inventariadas. As especificidades do *corpus*, as motivações do escritor, suas posições ideológicas, os meios de produção e circulação dos textos também foram relevantes

para compreender o sentido atribuído ao vocabulário. Tal abordagem permitiu observar como Motta incorporou novas lexias, excluiu e ressemantizou outras, motivado por interesses diversos. Observa-se que o vocabulário utilizado assume significados que se justificam pelo seu posicionamento ideológico – para ele os “heróis” eram os generais e a ditadura era a “revolução redentora”. Certamente, para os comunistas essas lexias teriam o sentido invertido, comprovando que os usos linguísticos de cada sujeito estão condicionados às suas posições ideológicas e interesses. Afinal, Eulálio Motta tinha a intenção de dar sentido a um fato social de relevância social e política.

REFERÊNCIAS

Abbate CMS. O estudo do léxico. In: Teixeira MCR, Queiroz RCR, Santos RB, organizadoras. Diferentes perspectivas dos estudos filológicos. Salvador: Quarteto; 2006.

Barreiros PN. O Pasquineiro da roça: edição dos panfletos de Eulálio Motta [tese]. Salvador: Universidade Federal da Bahia; 2013.

Bechara E. Estudo estrutural do léxico: a lexemática. In Bechara E. Moderna Gramática portuguesa. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna; 1999.

Bezerra MA. O vocabulário na pesquisa e no ensino. In: Bezerra MA, organizadora. Estudar vocabulário: como e por quê? Campina Grande: Bagagem; 2004. p. 11-37.

Biderman MTC. As ciências do léxico. In: Oliveira AMPP, de; Isquierdo AN, organizadoras. As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande-MS: UFMS; 1998. p. 11-20.

Bizzocchi AL. Léxico e ideologia na Europa Ocidental. São Paulo: Annablume; 1997.

Coseriu E. Para una semántica diacrónica estructural. 1964a. In: Coseriu E. Principios de semántica estructural. 2ª ed. Vers. esp. Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos; 1991 [1977].

Coseriu, Eugenio. Introducción al estudio estructural del léxico. 1964b. In: Coseriu, E. Principios de semántica estructural. 2ª ed. Vers. esp. Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos; 1991 [1977].

Coseriu E. Las solidaridades léxicas. 1967. In: Coseriu E. Principios de semántica estructural. 2ª ed. Vers. esp. Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos; 1991 [1977].

Coseriu E. El estudio funcional del vocabulário. (Compendio de lexemática). 1976. In: Coseriu E. Gramática, semántica, universales: estudios de lingüística. Vers. esp. Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos; 1978.

Coseriu E. Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios. 3ª ed. Madrid: Gredos; 1973.

Ferraz AP. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: Seabra MCTC, organizadora. O léxico em estudo. Belo Horizonte: Ed. UFMG; 2006.

Ferreira LMR. A Imprensa integralista na Bahia: o caso do jornal o Imparcial. Revista de História Regional; 11(1); 2006: 53-86.

Figueiredo C. Novo dicionário da língua portuguesa. 4ª ed. Lisboa: Arthur Brandão; 1926.

Geckeler H. Semántica estructural y teoría do campo léxico. Vers. esp. de Marcos Martínez Hernández rev. por el autor. Madrid: Gredos; 1976.

Guiraud P. A semântica. Maria Elisa Mascarenhas, tradutora. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1989 [1969].

Lüdtke H. História del léxico românico. Vers. esp. de Marcos Martínez Hernández. Madrid: Gredos; 1974.

Motta EM. Evocações, Eureka. Mundo Novo: Avante; 1942.

Motta EM. Manuscrito, Caderno Fotocopiado, 1949.

Motta EM. Vitória do Brasil!. Panfleto, Mundo Novo, 02 abr. 1964.

Motta EM. Diário de um João Ninguém II. Caderno Manuscrito. 1968.

Motta EM. Quinto Aniversário. Panfleto, Mundo Novo, 31 mar. 1969.

Motta EM. Sexto Aniversário. Panfleto, Mundo Novo, 31 mar. 1970.

Motta EM. A pergunta de Rafael. Panfleto, Mundo Novo, out. 1972.

Motta EM. Nono Aniversário. Panfleto, Mundo Novo, 31 mar. 1973.

Motta EM. No décimo Aniversário. Panfleto, Mundo Novo, 02 abr. 1974.

Motta EM. No décimo primeiro aniversário. Panfleto, Mundo Novo, 31 mar. 1975.

Motta EM. Liberdade no ano 12. Panfleto, Mundo Novo, 29 abr. 1976.

Motta EM. No ano 12 da revolução. Panfleto, Mundo Novo, 05 abr. 1976.

Nascentes A. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Prefácio de W. Meyer-Lübke. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1932.

- Sampaio CN. Poder & representação: o legislativo da Bahia na segunda república (1930-1937). Salvador: Universidade Federal da Bahia; Assembleia Legislativa da Bahia; 1985.
- Saussure F. Curso de linguística geral. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein, tradutores. 27ª ed. São Paulo: Cultrix; 2006 [1916].
- Silva AM. Dicionário da lingua portuguesa. Fac-símile da 2ª ed. (1813). Rio de Janeiro: Litho-Typographia Fluminense; 1922.
- Telles CM. Léxico e edição semidiplomática. In: Sella AF, Corbari CC, Bidarra J, organizadores. Pesquisas sobre léxico: reflexões teóricas e aplicação. Campinas (SP); Cascavel (PR): Pontes; EDUNIOESTE; 2012. p. 137-158.
- Ullmann S. Semântica: uma introdução à ciência do significado. J. A. Osório Mateus, tradutor. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 1973 [1964].
- Vilela M. Estruturas léxicas do português. Coimbra: Almedina; 1979.
- Vilela M. Léxico e gramática. Coimbra: Livraria Almedina; 1995.
- Villalva A, Silvestre JP. Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português. Petrópolis, RJ: Vozes; 2014.

Recebido em: 26/05/2015

Aceito em: 20/07/2015
